



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

*Solenidade na visita do Excelentíssimo  
Senhor Presidente do Governo da Espanha,  
Felipe González, ao Brasil*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 18 DE OUTUBRO DE 1995

Hoje, quebrando a nossa praxe, que é de, nestas solenidades, os Presidentes não falarem, eu queria expressar ao País a nossa satisfação por contarmos entre nós, hoje, com Felipe González, com Javier Solana e com vários colaboradores do Governo espanhol.

E faço isso porque, não só existem muitas relações de proximidade entre nós, como, neste momento em que o Brasil passa por uma transformação profunda, não quero deixar de registrar o quanto foi importante o que Felipe González fez na Espanha e o quanto foi importante, para nós, o quanto aprendemos com essa capacidade imensa de motivar um país, de tomar rumo para esse país e de aceitar desafios nesse país.

E, agora, um passo maior ainda. É que Felipe González preside, hoje, a União Européia. E é neste momento, sob a presidência espanhola, que a União Européia toma uma decisão que eu creio que terá uma transcendência histórica muito grande: a de fazermos um acordo entre o Mercosul e a União Européia.

Talvez esse acordo, que será assinado, agora, em dezembro, não possa ser, ainda, avaliado numa perspectiva adequada, tais as conseqüências positivas que pode trazer para todos nós, para a Espanha, para o Brasil,

para a União Européia, para o Mercosul, para aqueles que venham – espero – a se somar ao Mercosul, como o Chile; e, de um modo geral, para a nossa política externa.

O Presidente González disse, várias vezes, que se tratava de uma opção estratégica. E é reciprocamente estratégica. Foi uma decisão importante da União Européia e é uma decisão também importante do Mercosul, porque é uma decisão de aproximação que não afasta ninguém – pelo contrário; que busca permitir maiores contatos com outras regiões do mundo –, e, aí, eu incluo o Nafta, os países que não estão alinhados em nenhum bloco regional, eu incluo os países asiáticos. Mas significa, também, uma decisão – como eu disse ontem, em Bariloche, citando Goethe – que está dentro de um marco de uma afinidade eletiva.

Existe isso. É uma realidade. Existe entre a Espanha e a América Latina. Existe entre a União Européia e o Mercosul. Existe entre a Espanha e o Brasil. Existe entre Portugal e o Brasil. É mais fácil. Nós nos sentimos mais cômodos, mais à vontade quando nos entendemos dentro desse marco de uma herança cultural comum e de uma tradição de relacionamento da América do Sul especialmente com a Europa, do que noutros âmbitos nos quais nós não nos envolvemos.

Eu repito que isso não se faz em prejuízo de nenhum outro tipo de relação. Todo o mundo sabe que, hoje em dia, o Brasil não só apóia o que aconteceu na América do Norte, o Nafta, como está também dentro desse quadro de integração hemisférica; e que, nas relações bilaterais entre o Brasil e os Estados Unidos, nunca tivemos uma situação tão favorável como a que temos hoje. Mas, exatamente por isso, essa opção estratégica tem, talvez, ainda mais peso, mais valor.

Nas conversas que tivemos, conversas de amizade entre o Brasil e a Espanha, conversas de relações pessoais, de amizade entre os dois Presidentes, da Espanha e do Brasil, ficou também muito claro que nós queremos aumentar a presença espanhola neste novo momento do Brasil. A Espanha, com a sua experiência em telecomunicações, em participação em *joint ventures* em outros países da América Latina, com a sua capacidade, sobretudo, em certos setores como o setor de estradas de ferro e locomotivas e no setor, também – que eu espero que se junte

a nós –, de geração de energia elétrica, enfim, em vários setores, a Espanha tem muitas condições de participar deste que, acredito, é um momento venturoso do Brasil.

E o Brasil gostaria, também, de estar mais presente com investimentos brasileiros na Europa. Nós temos, hoje, uma relação que tem que ser madura. O produto bruto da Espanha e o do Brasil se equivalem. Nós temos muitas semelhanças; temos, ambos os países, um Estado com um peso burocrático grande, para o bem e para o mal – não é só para o mal, é para o bem também – uma experiência de lidar com a coisa pública.

Felipe está assistindo, aqui, a um momento em que nós estamos lutando pelas reformas administrativas e sabe das dificuldades que isso impõe aos nossos países.

Mas, enfim, por todas essas razões, eu quero expressar, aqui, de público, a minha alegria com essa visita, que vai continuar por todo o dia. Hoje à noite, nós vamos ter um jantar no Palácio do Alvorada, que é onde eu moro. E o propósito de recebê-lo em minha casa visa mostrar que a relação entre o Brasil e a Espanha é uma relação de amizade profunda.

Muito obrigado.